



HUMANO URBANO

O TEXTO ESPONTÂNEO DO CORPO INVENTOR DE ESPAÇOS¹

Myrna de Arruda Nascimento²

¹ Texto inédito. Palestra ministrada em 9 de novembro de 2017, na Mesa III, sobre o tema “(Des)ocupação dos espaços urbanos”, integrante do 21º Congresso Brasileiro de Advocacia Pública - “Diálogos Interdisciplinares - As letras e a lei - Em homenagem ao escritor Ignácio de Loyola Brandão”.

² Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1985), é mestre em Ciências da Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero (1994), mestre (1997) e doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2002). Atualmente é professora e pesquisadora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP) junto ao Departamento de Projeto, lecionando nos cursos de Arquitetura e Design; também é professora e pesquisadora do Centro Universitário SENAC -SP, onde leciona nos cursos de Design e Arquitetura, coordena o grupo de pesquisa em Comunicação, Arquitetura e Design, sendo líder da linha de pesquisa em Arquitetura e Design. Coordenadora Institucional de Iniciação Científica ? PIBIC no Centro Universitário SENAC a partir de 2020. Foi diretora do Centro Universitário Maria Antônia (USP) no mandato de 2016/2017. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, e Design, atuando como pesquisadora principalmente nos seguintes temas: ensino e experimentação, analogias entre design e arquitetura, projeto/ linguagem / representação, semiótica, história da arte e comunicação/espaço/significação.

*“Eu me experimento na cidade; a cidade existe
por meio da minha experiência corporal.
A cidade e meu corpo se completam e se definem.
Eu moro na cidade e a cidade mora em mim”.*
(MERLEAU-PONTY)³

A escritura urbana, delineada pela presença de indivíduos distribuídos na trama da cidade, distingue cada gesto, movimento, passagem, aglomeração, exibição ou ocupação humana como um elemento não-verbal do seu discurso, mutante e contínuo, hábil na produção de inúmeras imagens, guardadas em nosso repertório como experiências multisensoriais sucedidas no meio urbano, ora lugar de permanência, ora itinerário de uma visita efêmera.

Este texto icônico, complexo e inaudível, é, no entanto, sensível à percepção de quem acompanha os sinais que testemunham a presença do ser humano na cidade. Trata-se de um tipo de texto que *acontece* diante de nós, que *desperta* nossa atenção e nos *comunica* algo, que se *manifesta* em nosso pensamento quando evocamos a vivência metropolitana, seja na condição de espectadores ou como agentes de uma intervenção corporal, voluntária, inconsciente.

“Estar” na cidade contemporânea nos coloca, nestas condições, em uma situação de cumplicidade e dependência. Contaminados pelos fenômenos urbanos, com os quais compartilhamos, em certas ocasiões, a responsabilidade de participar ativamente da cena cidadina, cultivamos destas experiências corpografias⁴ urbanas

³ (MERLEAU-PONTY, *Phenomenology of Perception*, 1992 p. 203 IN PALLASMAA, Juhani, *Os olhos da pele*, Tradução Alexandre Salvaterra. São Paulo: Bookman, 2011, p. 38)

⁴ *Corpografia* é o termo adotado por Evelyn Furquim Werneck Lima (2008) para designar uma espécie de cartografia corporal (ou corpo-cartografia), cujo princípio parte da hipótese de que a experiência humana, em amplo sentido, fica inscrita, em diversas escalas de temporalidade, no próprio corpo daquele que a experimenta, e, dessa forma, também o defini, mesmo que involuntariamente (LIMA, 2008, p. 182).

inéditas e subjetivas. Deixamos vestígios e rastros de nossa frequência cotidiana ou esporádica em espaços escolhidos ou inerentes à nossa rotina; e, nesta circunstância, somos também contaminados individualmente, transformando-nos em herdeiros de uma memória destes lugares, única, constituída por registros acumulados e sobrepostos, de nossa moradia, convívio ou estadia em ambientes, percursos e logradouros da metrópole, muitos deles já inexistentes ou irreconhecíveis tempos depois.

Recentemente temos acompanhado um crescimento notável de iniciativas públicas e privadas destinadas a qualificar o meio urbano, adotando-o como “suporte” de uma série de eventos (artísticos, culturais, sociais), destinados a convocar usuários de procedências distintas a “experimentar” a cidade, e assumir o papel que lhes cabe exercer neste imenso palco de sensações e experimentos, em dimensão coletiva (objetivo principal das estratégias municipais de apropriação do espaço urbano) e individual (qualidade intrínseca a toda participação, gerando lembranças pessoais que sobrevivem na história de vida de cada um).

Os novos espaços públicos contemporâneos, cada vez mais privatizados ou não apropriados pelos habitantes locais, nos levam a repensar então as relações entre urbanismo e corpo, entre o corpo urbano e o corpo do cidadão. A cidade, portanto, não só deixa de ser cenário quando é praticada, mas, mais do que isso, ela ganha corpo, tornando-se “outro corpo”. (LIMA, 2008, p. 185)

Humano Urbano exalta a possibilidade do cidadão “ser” *na* cidade (praticando-a cotidianamente), de “ser” *da* cidade (como membro integrante indispensável para provocar a ocorrência e relatar os

Adotamos o termo, pois interessa-nos associar a ideia de cartografia (o trajeto e as marcas da passagem dos corpos pelo espaço e os traços deixados pela memória desta experiência no pensamento de quem a vivenciou) à de um texto “icônico” “escrito” através da presença humana no meio ambiente urbano.

acontecimentos sucedidos), e do “ser” da própria cidade (espaço protagonista dos fenômenos sociais que abriga, e que passam a representá-la como possibilidade e qualidade).

Humano Urbano neste texto, embora soe a um oxímoro casual, ou, ainda, a uma espécie de anagrama, é o título de uma reflexão, um modo de pensar, uma forma de cogitar como a arquitetura e o urbanismo podem conjecturar sobre as metrópoles em foco neste milênio ao projetar intervenções, requalificações ou mesmo novos projetos para as cidades do futuro.

O mais renomado geógrafo brasileiro (também graduado em Direito), Milton Santos (1926-2001), especializado em trabalhos sobre a concepção de espaço social, território, geografia cidadã e estudos de urbanização e globalização, já havia nos esclarecido sobre questões fundamentais a cerca da nossa percepção da paisagem e dos acontecimentos urbanos, que podemos tomar como referência dos pontos e temas posteriormente discutidos neste texto.

Destacamos a título de exemplificação, duas delas: a primeira diz respeito à subjetividade da apreensão do fenômeno urbano, e, conseqüentemente, aos limites impostos por esta condição:

Diante de uma paisagem, ou nossa vontade de apreendê-la se exerce sobre conjuntos que nos falam à maneira de cartões postais, ou então nosso olhar volta-se para objetos isolados. De um modo ou de outro, temos a tendência de negligenciar o todo; mesmo os conjuntos que se encontram em nosso campo de visão nada mais são do que frações de um todo. A paisagem, certo, não é muda, mas a percepção que temos dela está longe de abarcar o objeto em sua realidade profunda (SANTOS, 1982: 23)

A segunda questão trata da não fixidez da paisagem, reconhecendo nela traços e o reflexo do processo de mudança ao qual a sociedade é submetida. Tal questão desdobra-se na sua conseqüência, pois as transformações da sociedade também mobilizam alterações

no espaço e na paisagem que buscam se adaptar às novas demandas sociais.

Considerada em um ponto determinado no tempo, uma paisagem representa diferentes momentos do desenvolvimento de uma sociedade. A paisagem é resultado de uma acumulação de tempos. Para cada lugar, cada porção do espaço, essa acumulação é diferente: os objetos não mudam no mesmo lapso de tempo, na mesma velocidade ou na mesma direção. A paisagem, assim como o espaço, altera-se continuamente para poder acompanhar as transformações da sociedade. A forma é alterada, renovada, suprimida para dar lugar a uma outra forma que atenda às necessidades novas da estrutura social. (SANTOS, 1982: 38).

Portanto, em sintonia com Santos (1982), vamos estabelecer como elementos norteadores de nossas reflexões, tanto a subjetividade, responsável pela eleição seletiva de exemplos para avaliarmos a presença humana (e, a partir dela, as experiências vivenciadas ou assistidas por espectadores/receptores e usuários da cidade), como a inconstância (dos cenários, paisagens e ambientes) da memória do lugar metropolitano, suscetível à mutação e sobreposição de distintos tempos, e inclusive a novas noções de espacialidade urbana que o usuário, familiarizado ou não com o espaço, pode desvendar.

O cenário contemporâneo reconhece também um tipo de uso ou ocupação particular na cidade do século XXI, motivado pela apropriação do espaço público urbano e pelo convívio social dele decorrente, cujo estudo pode contribuir para a compreensão de aspectos particulares do fenômeno de socialização no espaço, especialmente compartilhado e coletivo, como podemos observar no texto do filósofo e sociólogo alemão, Georg Simmel (1858-1918), publicado em 1903:

Um perímetro geográfico de umas tantas milhas quadradas não forma um grande império; quem o faz são as forças psicológicas que mantêm os habitantes de tal região politicamente

coesos a partir de um ponto central dominante. Não é a forma da proximidade ou distância espacial que gera os fenômenos especiais da vizinhança ou da estranheza, por mais incontável que isso possa parecer. Muito pelo contrário: também esses são fatos gerados puramente por *conteúdos* anímicos, e seu desenrolar se relaciona com sua forma espacial de modo em princípio análogo ao de uma batalha ou de uma conversa telefônica com suas formas espaciais – embora seja indubitável que também esses processos só tenham como se realizar em condições espaciais bem específicas. É no requisito de funções especificamente anímicas para cada uma das figurações históricas do espaço que se espelha o fato de que o espaço em geral é apenas uma atividade da alma, apenas a maneira humana de unir estímulos sensoriais em si desconexos em visões unitárias. [...] Em certo ponto, Kant definiu o espaço como a possibilidade de se estar junto. [...] (SIMMEL, *IN* Estudos Avançados 27(79), 2013, p. 76)

De certa forma, embora as discussões sobre o modo como definimos e fazemos uso coletivo do espaço estejam há mais de século sob a mira de estudiosos e intelectuais, é preciso incorporar dados que atualizam estas discussões, e com isso nos permitem perceber as transformações e novas oportunidades e funções que o meio urbano pode abrigar, na cidade contemporânea. O telefone a que Simmel se refere na citação acima, por exemplo, é fixo e, portanto, refém de uma instalação em ambiente ou cabine imóvel; no século XXI a tecnologia das redes de computadores para transmissão de dados em alta velocidade, sem a utilização de cabos, o *wi-fi*, tem acesso liberado em espaços e meios de transporte públicos na grande maioria das metrópoles mundiais, e este benefício, quando não acessível, é uma reivindicação constante de toda população, pois, muitas vezes, a participação em alguns eventos urbanos pode ser mais interessante e estimulante se os envolvidos tiverem acesso a estes dados em seus *smartphones*, e mesmo, se puderem compartilhar suas experiências, em tempo real, com qualquer indivíduo, em qualquer lugar do planeta.

Presença humana e memória da presença.

Possibilitar experiências memoráveis e inclusivas tem sido uma estratégia adotada por vários meios e órgãos comunicacionais como subterfúgio para sinalizar o intuito de colaborar (e explorar, quando convém vincular à iniciativa a divulgação de um novo produto) na oferta de oportunidades e experiências corporais e/ou sensíveis na cidade contemporânea.

Em 2013 a agência DAVID desenvolveu para seu cliente Mondelez a campanha denominada *Cadena de Ternura* destinada a divulgar (e distribuir de forma inusitada) o chocolate Milka, no espaço público, no caso uma praça em Buenos Aires.

Para tanto, instalaram uma espécie de *vending machine* (responsável por oferecer gratuitamente chocolates aos participantes da “cadeia de ternura”) associada à Vaca Milka, mascote e símbolo da marca. Para ter acesso aos chocolates, os transeuntes dos arredores tinham que dar as mãos e, assim, conseguiam “conectar” a pata estendida da vaca a uma espécie de botão da máquina distribuidora do produto. (Fig. 1)



Figura 1 – Esquema do funcionamento da instalação a partir de material de divulgação da campanha.

Fonte: <https://blogs.infobae.com/publicidad/2014/01/13/impactantes-maneras-de-hacer-publicidad-en-via-publica/index.html>

Conforme assistimos na propaganda⁵, o número de chocolates expelidos pela máquina correspondia ao número de pessoas que participavam da “corrente de energia” para fazê-la funcionar. Este alinhamento de corpos de mãos dadas representava a “corrente de ternura”, o argumento empregado na campanha para estimular a integração e o relacionamento entre os habitantes das grandes cidades, habitualmente isolados e distraídos em conversas silenciosas e intimistas com seus aparatos eletrônicos e digitais (como vemos no início do filme publicizado).

O exemplo, além de apresentar uma proposta inovadora do uso do espaço urbano a partir da cooperação entre estranhos e desconhecidos, espontânea e casualmente reunidos, leva-nos a pensar na mudança processada na imagem da praça, vista à distância, pelos espectadores alheios à “missão resgate de chocolates”. A praça, transformada instantaneamente, atravessada por uma fileira de indivíduos tão distintos, unidos por um interesse comum e passageiro, animados e curiosos para o doce desfecho, transformou-se em lugar incomum, adquirindo um papel especial na história dos protagonistas da cena, dos espectadores e da própria cidade.

Assumimos, portanto, que os eventos e fenômenos urbanos podem ser apreciados por distintos ângulos de percepção, também, assim, suscetíveis a interpretações variadas e, às vezes, concorrentes.

É nesse sentido que procedermos à menção e análise de alguns outros exemplos de intervenção no meio urbano, a partir de projetos e dispositivos desenvolvidos por arquitetos e designers com a finalidade de tornar o usufruto da cidade e do espaço público uma experiência memorável e, quiçá, transformadora, sob o ponto de vista do (presumível) aprendizado pessoal, cultural, social e ético.

⁵ Acessível em <https://www.youtube.com/watch?v=aGx8Z4nimIo>

1 INTERVENÇÕES NO ESPAÇO URBANO

SINAIS SUTIS E RESULTADOS EXPRESSIVOS DE
UM TEXTO SEM PALAVRAS

A presença “humana” no meio ambiente urbano não é apenas detectada de forma evidente, quando se observa indivíduos interagindo com objetos ou cenários construídos para abrigar atividades de entretenimento, lazer ou ócio. Ela está insinuada nas soluções e propostas elaboradas por profissionais responsáveis por modificar a paisagem metropolitana, no significado das relações entre os espaços públicos e privados da cidade, ou até instilada nos comportamentos e atitudes identitários da cultura local, cuja constatação excita a curiosidade e interesse estrangeiros ao lugar.

Em Dessau, na Alemanha, conhecida por ter abrigado o novo edifício da renomada escola Bauhaus em 1925, observamos intervenção em prédio de apartamentos residenciais, construído em 2007⁶, uma renovação necessária, segundo a equipe responsável, porque tais edifícios são pré-fabricados e foram projetados com ambientes internos de dimensões reduzidas (banheiro e cozinha), e, com fachadas robustas e extensas, uniformes e monótonas.⁷ Este cenário, afirmam os próprios profissionais, ocorre em todo território da RDA e tem sido um desafio contorná-lo, tanto para os arquitetos projetistas como para os planejadores urbanos.

A rua *Muldstraße*, tranqüila e atraente, em virtude de sua localização próxima ao centro, também é lucrativa e acessível, e a reforma das unidades multifamiliares, que implicou em sutil “invasão” das largas calçadas, características da cidade-sede dos estudos urbanos bauhausianos, foi aprovada pela reavaliação da cooperativa habitacional local, em prol do aumento do valor da moradia para os

⁶ Localizado em Muldstrasse 84-86a, 06844 Dessau, Alemanha

⁷ <https://www.heinze.de/architekturobjekt/aufstockung-mehrfamilienhaus-dessau/9305288/>

moradores. (Fig. 2). O resultado são varandas individuais, estruturadas em perfis de aço, visualmente leves e, ainda assim, estáveis e robustas, protegidas de fogo, calor e correntes de vento. A empresa de arquitetura, Seelbach, assumiu a tarefa de renovação dos apartamentos, beneficiando ambos os usuários, do âmbito privado e público, ao melhorar expressivamente a qualidade de vida das moradias (ganho para alguns cidadãos) e o aspecto da rua (ganho para a cidade como um todo).

Subdividimos nossa abordagem a partir das questões já apresentadas na introdução deste texto, em três “duplas associações”, norteadoras da linha de raciocínio escolhida para conduzir nossa reflexão sobre os possíveis *Diálogos Interdisciplinares*⁸ entre: o projeto e o uso do espaço e as conseqüentes alterações do meio ambiente urbano; a presença dos indivíduos e a manifestação das corpografias esboçadas e incorporadas, como fruto das experiências cidadinas; e a poética muda e latente que sensibiliza nossa percepção, comunicando e transformando a sensação de “ser e estar” na cidade do século XXI.

Os três pares selecionados são:

1.1 individual X coletivo

1.2 permanência X trânsito

1.2 efemeridade X reminiscência

⁸ Referência ao título “As letras e as leis: Diálogos Interdisciplinares: Direito, Literatura, Meio Ambiente”, do **21º Congresso Brasileiro de Advocacia Pública**, realizado de 8 a 10 novembro 2017, no Centro Universitário Maria Antônia –USP, evento no qual a autora apresentou a primeira versão deste texto.



Figura 2 – Fachadas transformadas com instalação de varandas metálicas, cuja estrutura invade a área de circulação. Dessau (ALE), 2015. Invasão discreta, mudança incontestável.
Fonte: acervo da autora

1.1. INDIVIDUAL X COLETIVO

Quando me acontecer alguma pecúnia, passante de um milhão de cruzeiros, compro uma ilha; não muito longe do litoral, que o litoral faz falta; nem tão perto, também, que de lá possa eu aspirar a graxa e a fumaça do porto. Minha ilha (e só de a imaginar já me considero seu habitante) ficará no justo ponto de latitude e longitude que, pondo-me a coberto de ventos, sereias e pestes, nem me afaste demasiado dos homens nem me obrigue a praticá-los diuturnamente. Porque esta é a ciência e, direi a arte do bem viver; uma fuga relativa, e uma não muito estouvada confraternização. (Carlos Drummond de Andrade⁹)

O escritor mineiro Drummond (1902-1987), em uma série de crônicas reunidas, divaga sobre ilhas e fronteiras entre a vida solitária e a vida comunitária, tentando estabelecer o limiar ideal que o isole de contaminações e convívios indesejados e não fortaleça a melancólica misantropia. Na ilha imaginária do poeta os homens devem ser

⁹ ANDRADE, Carlos D. **Passeios na ilha**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

simples, carentes, e razoáveis; sobreviverão graças à sua humildade e à distância que guardarem “*dos problemas de hegemonia e ciúme*”.

Sem esquivar-se de considerar que “*a ilha mais paradisíaca pede regulamentação e que os perigos da convivência urbana estão presentes*”, Drummond afirma não almejar um lugar perfeito, mas apenas um território, modesto, “*banhado de água por todos os lados e onde não seja obrigatório salvar o mundo.*”

Talvez, a linha que separa o lugar- ilha em que se isolam indivíduos, do resto da população, no meio da cidade populosa, seja apenas um leve sinal, ligeiro e inspirador, flagrado casualmente nas fronteiras e interstícios da cidade.

Em Copenhague (Dinamarca) as roupas que se secam nas fachadas do prédio revelam publicamente a presença de anônimos, invisíveis habitantes do apartamento de janelas abertas (Fig. 3). Alguém solitário constrói uma bola de sabão (Fig. 4) em um calçadão generoso, para usufruto do público expressivo que frequenta Strøget (o pedonal mais longo do mundo com 1100m). O projeto de um painel, colocado sobre um tapume provisório, para ser acionado manualmente por pedestres, enquanto passam distraídos e se divertem, acionando as dobradiças coloridas e desenhando letras e formas que duram o intervalo de tempo da passagem de um próximo caminhante. (Fig. 5a e Fig. 5b).

Sinais transitórios, presentes na paisagem urbana, que relacionam personagens, avulsos, alguns indiferentes, reunidos por acaso na cena urbana, sem sabê-lo.



Figuras 3, 4, 5a e 5b – Flagrantes da paisagem urbana, nos quais o convívio e o compartilhamento de ações, individuais e coletivas conferem uma atmosfera especial e uma marca identitária singular da cidade de Copenhagen (DIN), 2014, Fonte: acervo da autora

1.2 PERMANÊNCIAS X TRÂNSITO

[...] Foi no segundo princípio da termodinâmica que o século XIX encontrou a essência de seus recursos mitológicos. A época atual seria talvez, sobretudo a época do espaço. Estamos na época da simultaneidade, estamos na época da justaposição, na época do próximo e do distante, do lado a lado, do disperso. Estamos em um momento em que o mundo é experimentado, creio, menos como uma grande vida que se desenvolveria através do tempo, do que como uma rede que liga pontos e entrecruza seu emaranhado.[...] (FOUCAULT *IN* Estudos Avançados 27(79), 2013, p. 113)

Pensar a cidade conectada e acionada por equipamentos e estruturas, que possibilitassem encontros, ações conjuntas e sociabilidade, foi um dos argumentos que sustentaram o projeto de reforma urbana proposto pelo arquiteto dinamarquês Jan Gehl, a partir de 2010, com foco na mobilidade, sustentabilidade e segurança dos cidadãos de Copenhague. O convívio com a urbanista e jornalista Jane Jacobs (1916-2006), autora de *“Morte e Vida das Grandes Cidades”*, obra em que discute a dimensão humanista do urbanismo, certamente colaborou para inspirar Gehl, apontando o equívoco pela opção das grandes metrópoles a privilegiar o meio de transporte rodoviário, nas décadas de 50 e 60 do século XX, em detrimento de espaços públicos humanizados e generosos.

O carro, tido como grande vilão, responsável pela falência do paradigma e do ideal de planejamento urbanístico moderno, foi sendo aos poucos segregado em algumas regiões urbanas sob intervenção de Jan Gehl, e com isso, cidades como Copenhague, Brighton, Moscou, Cidade do México e Amã ganharam calçadas e praças e um meio urbano qualificado e convidativo.

Em 1971, Gehl publicou *Life between buildings: using public space¹⁰*, no qual estuda o comportamento das pessoas nos espaços públicos e utiliza a Strøget, a primeira rua de pedestres de Copenhague, como um laboratório. Interessado em refletir sobre como tornar “cidades habitáveis para o século XXI”, o arquiteto faz rigorosa crítica ao modernismo, à setorização dos serviços, e às ruas sem importância, que fragmentam a cidade rompendo sua organicidade, a exemplo do que acontece no projeto de Brasília e de outras cidades planejadas com a mesma “síndrome” em meados do século XX.

Em obras mais recentes, *Cidade para pessoas* (2010), *How to study public life* (2013); *A vida na cidade, como estudar* (2017), Gehl abordou outros temas como os aspectos sociais da imigração, da urbanização e das formas contemporâneas do pluralismo cultural

¹⁰ Publicado em Washington- Covelo- Londres, pela Island Press entre 1987 e 2011

(diversidade), ampliando sua discussão para questões presentes na maioria das grandes cidades do mundo. (Fig. 6)



Figura 6 – Protesto em Strøget para “abolir a escravidão em toda parte”.
Copenhague (DIN), 2017
Fonte: acervo da autora

Os doze pontos defendidos pelo autor em *Cidade para as pessoas* como uma espécie de “*check list*”, uma lista de itens fundamentais para um planejamento urbanístico voltado para a população de grandes aglomerações, e para suas ambições por qualidade de vida no meio urbano, continuam sendo válidos e observados com atenção como atributos indispensáveis para o bem-viver na cidade contemporânea:

1. Proteção contra o tráfego;
2. Segurança nos espaços públicos;
3. Proteção contra experiências sensoriais desagradáveis;
4. Espaços para caminhar;
5. Espaços de permanência;
6. Ter onde se sentar;
7. Possibilidade de observar;
8. Oportunidade de conversar;
9. Locais para se exercitar;

10. Escala humana; Possibilidade de aproveitar o clima;
11. Boa experiência sensorial;
12. A forma (design, estética) do espaço urbano.

É possível identificarmos iniciativas discretas e simples que corroboram com tais indicadores, surgindo na paisagem paulistana como apelos silentes, sinalizando novos caminhos para usufruirmos do espaço coletivo através de eventos culturais, e atividades imprevisíveis dos quais somos convocados a participar espontaneamente. (Fig. 7 e 8)



Figura 7 – Exibição pública do Grupo Musical Dedo de Moça na praça utilizada como palco acidental, entre os prédios Rui Barbosa e Joaquim Nabuco do Centro Universitário Maria Antônia da USP, em 8 de março 2017.

Fonte: acervo da autora

Apesar de tudo, algo novo está no ar. Minha percepção recente, talvez permeada de um incorrigível otimismo, identifica

uma mudança de paradigma que aponta para a qualidade dos espaços públicos que, além das ações do poder público, passa pela responsabilidade da arquitetura privada e das ações dos arquitetos como agentes desta tensão, mediando interesses privados com o desejo profundo de melhorias das cidades onde atuam. Espaço público e privado em uma proporção equilibrada são virtudes desejáveis para uma cidade democrática e agradável. Na essência das motivações da própria existência das cidades está o encontro, por isso a existência do espaço público de qualidade é fundamental quando se considera qualquer melhoria na cidade de São Paulo. (BISELLI, 2009: 38-39)¹¹



Figura 8 – *CineMA na rua*, cinema na praça superior do Centro Universitário Maria Antônia-USP, público e gratuito, no coração da cidade de São Paulo, exibido em 27 de junho 2017. Uma forma de acompanhar o diálogo entre a cultura produzida na Universidade de São Paulo e em festivais especializados, e a platéia diversa, transeunte, e atenta, que vivencia uma experiência inovadora.

Fonte: acervo da autora

¹¹ BISELLI, M. **São Paulo, a cidade contemporânea**. IN **O arquiteto e a cidade contemporânea** /organização Abílio Guerra; fotos Nelson Kohn e Gal Oppido. São Paulo Romano Guerra , 2009. p.34-41

Podemos recorrer ao filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) para compreender a transformação do uso e do significado e a mudança ocorrida nas experiências do espaço, entrecruzadas fatalmente com a noção de tempo. Foucault destaca a transição do espaço (conhecido tradicionalmente a partir do conceito *de localização*), cuja noção na Idade Média era vinculada a um “conjunto hierarquizado de lugares”, construído a partir de pares opostos (sagrados e profanos; protegidos e abertos, etc.), para a concepção de espaço infinito e aberto, sujeito ao movimento, e, portanto, passível de ser ampliado e transformado.

Esse espaço de localização se abriu com Galileu, pois o verdadeiro escândalo de sua obra não é tanto o de ter descoberto, ou melhor, redescoberto que a Terra girava em torno do sol, mas de ter constituído um espaço infinito, e infinitamente aberto; de tal modo que o lugar da Idade Média aí se encontrava, de certa maneira dissolvido; o lugar de uma coisa não era mais do que um ponto no interior do seu movimento, assim como o repouso de uma coisa não era senão o seu movimento infinitamente desacelerado. Em outras palavras, a partir de Galileu, a partir do século XVII, a extensão substituiu a localização. (FOUCAULT *IN* Estudos Avançados 27(79), 2013, p. 113-114)

Pensar o uso do espaço a partir de uma praça, um lugar público improvisado entre prédios, que se abre por um lado à rua movimentada pela passagem de pedestres e automóveis, e por outro a prédios residenciais e empresariais, amplia sobremaneira nossa percepção sobre a proporção da audiência dos eventos, que nele serão realizados.

Alguém assiste da varanda de seu apartamento uma exibição musical, um filme. Este alguém, solitário e ausente da cena da praça, divide esta experiência com a jovem que descansa suas compras feitas no mercado da esquina, ao parar na mureta da calçada circunvizinha para dar uma espiada na projeção cinematográfica do festival,

durante um minuto (duração de cada curta-metragem). Junto deles, o pipoqueiro, o segurança dos prédios, os escolares dos arredores em intervalo das aulas, um vizinho que desceu de elevador para ver e ouvir de perto, um funcionário do prédio adjacente, durante as horas extras do expediente normal, que flagra a ação do alto, entre os vidros opacos das janelas.

Experiências efêmeras, de duração mínima, que desabrocham e fenecem; as cidades contemporâneas adotaram novos padrões de lazer e sociabilidade, sobrepondo e ignorando os limites entre espaços privados, institucionais e públicos, superando as configurações que nortearam o desenho embrionário de sua implantação, há mais de século.

Se fenômenos como a metropolização e a conurbação tornaram, por vezes, insuficiente o apelo a noções como a do contínuo urbano/rural, novas noções como não-lugar (Augé, 1994) ou desterritorialização (Duvigneaud, 1977) reformulam, pela base, o entendimento da cidade como fenômeno espacial. M. Castells (1991) chega a prever a “cidade informacional”, em que os fluxos cibernéticos superam o sentido dos espaços dos lugares. Não acredito que a cidade se transforme numa realidade cibernética, pois somos seres corporais, materiais e, portanto, continuaremos a ter nas funções sensoriais- com todas as implicações de enraizamento espacial que isto implica – nossa principal via de metabolismo entre sujeito e universo empírico. Não há dúvida, no entanto, de que a cidade do próximo milênio e a do século e meio atrás constituem objetos distintos, que não podem ser lidos com os mesmos parâmetros. (MENEZES, 2001:11)

Embora transitórias as vivências proporcionadas pelos arquitetos, designers e gestores das metrópoles dos dias atuais deixam lembranças e modificam os hábitos de seus desfrutadores, permitindo-lhes incorporar em seu repertório e memória significados distintos dos culturalmente assimilados, capazes de modificar, aproximar e promover a convivência entre estranhos, que tem em comum o compartilhamento de um mesmo espaço cidadão.

O arquiteto holandês Hertzberger defende projetos e intervenções que privilegiem “formas convidativas”, estruturas e equipamentos acessíveis e disponíveis à ação indiscriminada, desenvolvidos para serem manipulados e experimentados por qualquer cidadão, de forma inclusiva e democrática. (Fig 9)

Um pré-requisito para criar a forma convidativa é a empatia, a qualidade que faz com que a hospitalidade consista em antecipar os desejos dos convidados. Aumentar o “potencial de acomodação” significa maior adequação ao que se exige da forma; uma forma, portanto, mais direcionada para as necessidades das pessoas em diversas situações e que, conseqüentemente, tenha mais a oferecer. O espaço habitável entre as coisas representa um deslocamento da atenção do âmbito oficial para o informal, onde se condiz a vida cotidiana e isto quer dizer entre os significados estabelecidos da função explícita. (HERTZBERGER, 2015, p. 188



Figura 9 – Explorando as formas convidativas do SESC Pompéia-SP, 2015.

Fonte: acervo da autora

Pisos dotados de recursos estimulantes ou relaxantes nos espaços entre construções arquitetônicas; relevos para serem escalados ou servirem de apoio para corpos ou artefatos quaisquer (Fig.10); dispositivos sem destino funcional cuja finalidade encontra-se aberta

a possibilidades descobertas ao acaso; ruas fechadas semanalmente para serem utilizadas como palcos, parques, pontos de encontro e prática lúdica e esportiva.



Figura 10 – Estruturas urbanas em Copenhague, 2015 (DIN): o escorregador OCTOPUS no meio da ilha do parque Superkilen (projeto do escritório BIG-Bjarke Ingels Group <http://superflex.net/tools/superkilen/image>); os bancos que atuam como “linha divisória” entre a escola e o passeio público; o relevo do fragmento “entre edifícios”, próximo à escola infantil.

Fonte: acervo da autora

A cidade contemporânea apresenta-se, portanto, como um enigma na medida em que procura encontrar uma situação ideal para manter as relações saudáveis e positivas entre os que a habitam e freqüentam.

Como nos sugere o singelo texto do arquiteto e professor da FAUUSP, Flávio Mota, ela é um fenômeno sobre o qual é preciso refletir para avaliar e julgar seus potenciais:

*“A cidade não é coisa natural,
não é coisa dada;
é algo que faz pensar.”* (MOTA, 1970)

Acompanhar suas metamorfoses e os vestígios das intervenções inseridas em sua paisagem nos torna cúmplices do convívio contínuo que estabelecemos com ela, percebendo e reagindo aos seus apelos e sinais.

Um azulejo incrustado no pavimento da cosmopolita calçada berlinense serve de estímulo instantâneo: sintonizados reagimos a esta afirmação e confirmamos: *humano urbano* traduz uma relação sem fronteiras entre cidadãos e espaços públicos expressa em gestos, textos mudos e implícitos nos modos de usar e usufruir o meio urbano, que guardamos em nossa história e que se manifestam como sinais emitidos *urbi et orbi*: para a (própria) cidade e para o mundo. (Fig. 11)

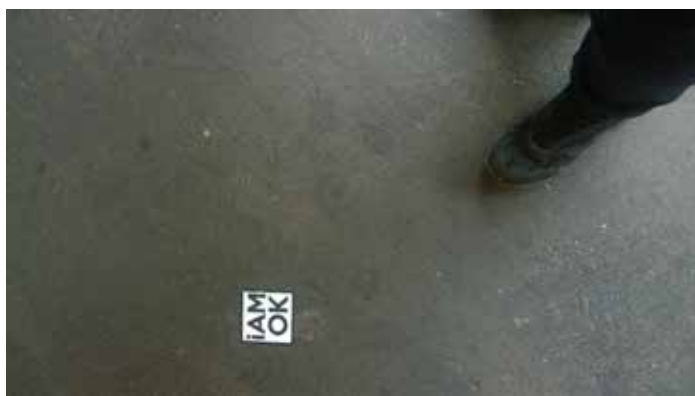


Figura 11 – Azulejo *I AM OK*, Berlim, 2015

Fonte: acervo da autora

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Christopher. **A Pattern Language: towns, buildings, construction**. New York: Oxford University Press, 1977

ANDRADE, Carlos D. **Passeios na ilha**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

Estudos Avançados / Universidade de São Paul. Instituto de Estudos Avançados. –vol 1, n. 1 (1987) – São Paulo: IEA, 1987, p. 75-112.

BISELLI, M. **São Paulo, a cidade contemporânea**. *IN O arquiteto e a cidade contemporânea* /organização Abílio Guerra; fotos Nelson Kohn e Gal Oppido. São Paulo Romano Guerra , 2009. p.34-41

HERTZBERGER, Herman. **Lições de Arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

LIMA, Evelyn Furquim Wernwck. **Espaço e Teatro: do edifício teatral à cidade como palco**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

MENEZES, Ulpiano T. B. **Cidade Capital, Hoje?** *IN Cidades Capitais do Século XIX: Racionalidade, Cosmopolitismo e Transferência de Modelos/ Heliana Angotti Salgueiro(org.)*. São Paulo: EDUSP, 2001

MOTTA, Flávio Motta, **Textos Informes**, 1970, publicado pelo LPG-FAUUSP, s.d.

SANTOS, Milton. **PENSANDO O ESPAÇO DO HOMEM**. 2ªed. São Paulo:Hucitec, 1986.

SITES:

<https://www.heinze.de/architekturobjekt/aufstockung-mehrfamilienhaus-dessau/9305288/>

<https://www.youtube.com/watch?v=aGx8Z4nimIo>

<https://blogs.infobae.com/publicidad/2014/01/13/impactantes-maneras-de-hacer-publicidad-en-via-publica/index.html>

<http://superflex.net/tools/superkilen/image>